

SEMANA DAS ARTES

exposições

FMDUP

espectáculos

concertos

conferências

2013

PROGRAMA DISPONÍVEL WWW.FMDUP.PT

27-31 MAIO

FACULDADE DE MEDICINA DENTÁRIA
UNIVERSIDADE DO PORTO

ORGANIZAÇÃO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE MEDICINA DENTÁRIA
UNIVERSIDADE DO PORTO

COMISSÃO ORGANIZADORA

MESTRAS MICHEL PAIS CLAYTON
PROFESSOR GUSTAVO MARQUES VASCONCELOS
PROFESSOR GUSTAVO GERMARDO RECHA
MESTRE DOMINGOS LOPES
MESTRE SÓFIA TORRES
DR. ALBERTO MACHADO

PATROCÍNIO OFICIAL

Bial

INÍCIO

Dr. NICOPASS NICOPATCH 3M

ALTO: ANA PAZ

SEMANA DAS ARTES 27-31 MAIO

FMUP

SEMINÁRIO “ART I COLAR CIÊNCIA E ARTE”

Quarta-feira, dia 29 de Maio de 2013

9h00 - Abertura do Secretariado

9h30 - Sessão de Abertura

10h00 - “Arte com Saúde e Saúde com Arte”

Prof. Doutor Afonso Pinhão Ferreira
(Director da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto)

10h20 - “A vertigem do infinito como mote para os novos museus universitários”

Prof. Doutor Manuel Janeira
(Pró-Reitor da Universidade do Porto da Cultura, Desporto, e Lazer)

10h40 - “Arte e Ciência: um olhar transversal sobre a História das Artes Visuais do século XX”

Prof. Manuela Hargreaves
(Mestre em História da Arte em Portugal FLUP)

11h00 – Intervalo

Inauguração da exposição fotográfica “*Nuance ténue entre a ciência humana e a arte do afecto mais puro*”, Dr.ª Clara Ramalhão (Médica Neurorradiologista do Hospital Pedro Hispano no Serviço de Imagiologia)

11h30 - Mesa Redonda: “Art i colar Ciência e Arte”

Moderador: Prof. Doutor José Manuel Amarante (Professor Catedrático da FMUP)

- Prof. Doutor Manuel Esteves, Professor Associado da FMUP, Departamento de Neurociências Clínicas e Saúde Mental
- Prof.ª Doutora Filomena Vasconcelos, Professora Associada da FLUP, Departamento Estudos Anglo-Americanos e Investigadora CETAPS
- Prof. Doutor Miguel Ribeiro Pereira, Professor Associado da ESMAE e Investigador Principal do CITAR, da Universidade Católica Portuguesa
- Prof.ª Doutora Maria Luísa Malato, Professora Associada com Agregação da FLUP, Departamento Estudos Portugueses e Românicos e Investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa
- Dr.ª Isabel Pereira Leite – Lic.ª História, Bibliotecária/Arquivista da FLUP, Investigadora do CITCEM

Sessão de encerramento com espetáculo musical com:

Nídia Rocha (Soprano) e Henk Van Twillert (Saxofone)

LITERAL(MENTE)

Tem a vida muito de extraordinário! Digo isto porque nunca imaginei, algum dia, vir a participar num evento organizado pela Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto, facto que muito me honra e imensamente agradeço.

É que meu Pai era estomatologista, e muitas das minhas recordações da meninice, da juventude e mesmo da idade adulta estão, naturalmente, ligadas à vida profissional de meu Pai, que morreu cedo, aos 59 anos, depois de uma vida cheia, repleta, plena.

Nunca desesperou de vir a ter um filho que um dia pudesse trabalhar com ele, no consultório. Fez bem, em certa medida, já que 12 anos depois de eu ter nascido, e no seguimento de várias outras filhas que, entretanto, vieram ao mundo, eis que nasce o desejado varão, no dia de Santa Apolónia, dia 9 de Fevereiro, concretamente no ano de 1970.

Quando, ainda há pouco, referi que meu Pai fez bem, mas em certa medida, por nunca ter desistido de um tal varão, herdeiro do seu renomado consultório, não expliquei, exactamente, em que dimensão se situava essa medida. É que meu irmão nunca se interessou pela estomatologia, pela medicina dentária, nem mesmo muito pelos seus próprios dentes, felizmente de óptima qualidade.

Como, sabe-se lá porquê, nenhuma das filhas revelou quaisquer tendências que as aproximassem da arte paterna, aceitou meu Pai o destino. Hoje, tenho a certeza de que, com o maior gosto, aqui estaria, nesta sala, um tanto ou quanto perplexo, com certeza, matutando nas voltas que o mundo dá...

Posso asseverar que muito matutei eu, também, sobre o que seria suposto vir aqui dizer. Pensei em Santa Apolónia e no resgate da imagem em madeira policromada do s. XVIII, que meu Pai tinha no consultório, imagem trazida da capela de uma das casas de família.

Mas não...

Pensei em fazer saltar dos livros, desses livros sem os quais o mundo não era nada, e que são os mais fiéis companheiros dos meus dias, já que sou bibliotecária (gosto muito desta palavra, que hoje caiu em

desuso), curiosidades e histórias pouco conhecidas sobre as letras e as ciências.

Mas não...

Depois de muito pensar, achei que talvez esta fosse uma boa oportunidade para falar de alguns tópicos comuns e, de uma forma sentida, dar largas ao pensamento. E sim, juntar à razão o sentimento, que tão arredado me parece andar da vida que vivemos. Sem a menor pretensão de conseguir aliar engenho e arte, digamos que o mote deste seminário, escrevi um pequeno texto, ao qual dei um nome – “Acho que sei”. Passo a lê-lo:

Eu acho que sei, mas não tenho a certeza. Acho que sei o que significa a Vida, mas também acho que nunca terei a certeza do que ela é realmente, porque o que mais quero é poder continuar a descobrir, em cada dia, até ao fim, este mundo que é o nosso.

Lídia Jorge refere Eduardo Lourenço como um daqueles que não precisam de confessar em voz alta de onde lhes nasceu a vocação, nem precisam de dizer que se fizeram críticos por não terem sido poetas, porque sabemos que a concepção da sua única escatologia se prende com a redenção pela Arte unificadora, que aparece sob a forma de palavra.

De facto, quem se vê enredado nela, sabe que uma vocação geralmente se desenvolve a partir de um gémeo perdido. E assim, quem diz que é crítico porque não conseguiu ser poeta, sabe que muitos poetas o são, porque não puderam ser críticos, isto é, Filósofos!

Um filósofo é como um guia, ora entusiasmado, ora melancólico, que percorre a cidade. Agrada-lhe a plácida inquietação que faz parte dela, por isso se torna um leitor voraz, um apreciador tanto de maravilhas como de desgraças, que a todo o custo quer tornar suas. Por isso escreve e reescreve. Tenta ver mais longe e, porque o mundo só aparentemente é fragmentado, o verdadeiro filósofo atinge uma visão holística das coisas. Curiosamente, a que lhe permite entender a pseudo-fragmentação.

É que está tudo ligado; esta ligação desabrocha quando o escultor, apenas com o seu cinzel, nos revela a luminosidade escondida numa pedra. E, já agora, será que a luminosidade de um farol que especialmente sobressai numa noite escura, como sentinela vigilante que impede o naufrágio, será diferente?

Entre Luís de Camões e Fernando Pessoa haverá algum abismo intransponível que impeça que ambos se encontrem em Lisboa, no dia em que *Os Lusíadas* e a *Mensagem* tenham, finalmente, sido traduzidos para todas as línguas que existem no mundo? Creio que não. E por quê? Porque nós, seus leitores de ontem, de hoje e de amanhã, somos o verdadeiro elo de ligação entre um e o outro.

Todos os leitores são autores, porque ninguém lê a mesma história do mesmo modo. O contexto define as diferenças. E isto é igualmente válido relativamente a cada um de nós. José Cardoso Pires disse-o como ninguém: “Quantas asas tem um vôo? E quantas leituras tem um livro olhado pelos mesmos olhos, a diferentes horas de nós mesmos?”

A leitura é um exercício da memória, pelo qual as histórias e os factos nos permitem usufruir das anteriores experiências dos outros como se fossem nossas. Humpty Dumpty acusa Alice de estar a escutar às portas, desse pôr por trás das árvores e junto das chaminés, senão não poderia saber o que sabe. Alice responde-lhe “Não! Não fiz nada disso! Está num livro.” Alice foi ter ao País das Maravilhas, pela mão de um célebre matemático, Lewis Carroll. Depois passou para o outro lado do espelho.

Nós não estamos propriamente no País das Maravilhas, mas o mundo dos livros continua a ser o nosso e é uma espécie de mundo no espelho, porque o percurso da humanidade é feito, irremediavelmente, em conjunto, seja qual for o plano em que nos mantenhamos. Por isso, não há como destruir a memória colectiva tal como, em termos de evolução, a raça humana, tendo atingido o presente estádio, não regredirá.

De resto, convenhamos que vícios e virtudes são produto constante da nossa lavra. De todos os tempos e de todos os lugares. Ora, como num passe de magia, tiremos da manga este diálogo, extraído da premiada peça *Le Diable Rouge*, de Antoine Rault, dramaturgo francês nosso contemporâneo, escrita em 2008. A obra situa-nos no reinado de Luís XIV, o Rei-Sol, e nela intervêm o todo-poderoso Ministro Colbert, grande defensor das práticas de intervenção estatal na economia e o diabo vermelho, o não menos poderoso e hábil sucessor de Richelieu, o Cardeal Mazarin. Luís XIV reina em pleno s. XVII, avançando, ainda, até 1715. Embora se trate de uma peça recente, baseia-se em factos verídicos e bem documentados. Eis, então, o famoso diálogo “maquiavélico”:

Colbert – Para encontrar dinheiro, há um momento em que enganar [o contribuinte] já não é possível! Eu gostaria, Senhor Superintendente, que me explicasse como é que é possível continuar a gastar quando já se está endividado até ao pescoço...

Mazarin – Se se é um simples mortal, claro está, quando se está coberto de dívidas, vai-se parar à prisão. Mas o Estado... o Estado, esse, é diferente!!! Não se pode mandar o Estado para a prisão. Então, ele continua a endividar-se... todos os Estados o fazem!

Colbert – Ah sim? O Senhor acha isso mesmo? Contudo, precisamos de dinheiro. E como é que havemos de o obter se já criámos todos os impostos imagináveis?

Mazarin – Criam-se outros.

Colbert – Mas já não podemos lançar mais impostos sobre os pobres.

Mazarin – Sim, é impossível.

Colbert – E então os ricos?

Mazarin – os ricos também não. Eles não gastariam mais. Um rico que gasta faz viver centenas de pobres.

Colbert – Então como havemos de fazer?

Mazarin – Colbert! Tu pensas como um queijo, como um penico de um doente! Há uma quantidade enorme de gente entre os ricos e os pobres: os que trabalham sonhando vir a enriquecer e temendo ficar pobres. É a esses que devemos lançar mais impostos, cada vez mais, sempre mais! Esses, quanto mais lhes tirarmos, mais eles trabalharão para compensarem o que lhes tirámos. São um reservatório inesgotável.

Pois é! Sem comentários!

Mas o que seria de nós, se a capacidade de admirar o nascer do sol todos os dias; de querer seguir o curso de cada rio que corre para o mar; de apreciar os mil e um cambiantes do mundo dos sons e das cores que cada alteridade em cada livro promete, não estivesse ao nosso alcance? Precisamos desse mundo. Desse outro mundo em que vivemos através dos livros. Somos todos os outros eus, cativantes, desprezíveis, que riem, que choram, que são capazes das maiores generosidades, embora quantas vezes nos fazem mal sem pedirem desculpa.

Os livros são as portas que vamos abrindo ao som de valsas e de marchas. As escolhas que fizemos, a maior parte das vezes julgando-nos únicos quando, afinal, já tudo tinha sido inventado. São os que nos testemunham o Ser. Os livros são metáfora, harmonia e alquimia. Mas, acima de tudo, são liberdade. A liberdade que pode não se ver, mas que se sente e que, por isso mesmo, existe. Às vezes penso que extravasa de tal maneira o papel, que facilmente invade a Alma e o Espírito.

Há quem diga que a Alma tem peso. Tenha-o ou não, impossível que seja segurá-la nas mãos, não me interessa. Sei que é a sede da minha essência. Sei que entre a Alma e o Espírito que dentro de mim moram se passa tudo o que, na verdade, importa. Também sei que só posso considerar “meu” aquilo que eu souber dar. E que o que eu souber dar terá, forçosamente, de ter sido aprendido com os outros, sendo estes outros todos aqueles que enchem as páginas dos livros que já li e dos incomensuráveis livros que jamais terei tempo de ler.

Em boa consciência, que entende muito de pesos e medidas, ‘devo dizer que há algo de constrangedor em tudo isto: o factor tempo, esse grande escultor de Marguerite Yourcenar, que nos tolhe pela sua implacável velocidade e nos assusta por ser tão voraz. No entanto, esse mesmo tempo, na ambivalência que tanta coisa tem à nossa volta, também nos permite viver, simultaneamente, muitas vidas de paixão e dor, de aventura e desventura, de queda e redenção.

É que os livros são como invólucros de todos esses seres recolhidos na nossa subconsciência e apreendidos ao longo da vida, por atravessarem connosco as quatro estações do ano. Podemos, conforme quisermos ou não, transmitir o que pensamos e sentimos. A consciência e a conveniência assim o definirão, se formos suficientemente sensatos.

Mas a riqueza que acumulamos, à medida que vivemos as leituras que fazemos, não esqueçamos que a devemos a todos aqueles que quiseram chegar até nós. Sim, porque ninguém escreve para o esquecimento.

Há um tempo para partilhar, para verdadeiramente estarmos connosco mesmos – é o tempo da leitura. Um tempo que indubitavelmente foi por alguém oferecido a alguém. Um tempo que sabe a qualquer coisa para lá do tempo, contrariando a lógica passado/presente/futuro. Que esta

ordem relativa é indesmentível, está mais do que provado, pelo menos para nós. Mesmo assim, achei que valia a pena referir dois outros factos descritos em livros, para ilustrar esta evidência.

Passemos, pois, a outros tópicos como, por exemplo, escovas de dentes. Ao que consta – e peço que me corrijam se estiver errada – a primeira referência a uma escova de dentes propriamente dita surge na *Ars Amatoria* de Ovídio, poeta romano que viveu entre o s. I a.C. e o s. I d. C., obra na qual a mulher é aconselhada a que não escove os dentes na presença do seu amante.

Em 1843, mais ou menos 18 séculos depois, Jean-Baptiste Gariot, cirurgião dentista na corte espanhola de Carlos IV, no seu *Traité des Maladies de la Bouche*, aconselha mulheres delicadas que tenham grande cuidado com as suas bocas, a usarem escovas macias, já que lhes deverá ser fácil manter os dentes limpos. Todavia, homens que limpem os dentes raramente, que o façam com escovas bem duras.

É certo que no século anterior, na França de 1728, Pierre Fauchard havia revolucionado o estado da ciência com o seu *Le Chirurgien Dentiste ou Traité des Dents*, sendo por muitos considerado o pai da odontologia moderna.

Mas quem sou eu para ousar vir aqui falar de escovas de dentes? Quando muito, com algum conhecimento de causa, poderei referir-me a esse acto que já foi deveras perigoso, provocando a morte, por variadíssimas razões, a tanto sofredor – essa antiquíssima “forma de tortura” que dá pelo nome de extracção de dentes.

Longa história se pode contar, ou melhor dizendo, contam os livros. Nem vale a pena chamar exemplos de desgraças de outrora, já que todos sabemos hoje do que nos livrámos. Deixou de ser uso sofrer escusadamente. Todo o dentista que se preza nos tira um dente, sim, mas enquanto nos oferece música. Também isto está nos livros.

A saúde, como alguém o disse já, é um estado transitório que não augura nada de bom. De facto, quem é que nunca esteve doente? Refiro-me a doenças do corpo e da alma, e atrevo-me a dizer que muitos processos de cura teriam sido bem mais penosos sem a companhia desses amigos invisíveis, os tais que ganham vida própria no papel e saltam dos livros para a nossa beira.

Se calhar, foi por isso que Diderot, em 1749, escreveu *Carta Sobre os Cegos Para Uso Daqueles que Vêem*. Percebeu, claramente, que o abismo que existe entre o que se vê pela primeira vez, como é o caso de um cego de nascença a quem o cirurgião faz ver, e a realidade é enorme. “Il faut apprivoiser” – não literalmente: é preciso perceber, entender, decodificar; isto para que seja possível ver claramente.

Ora, tal conceito, tão próprio desta época – estamos em pleno Iluminismo – não será, no fundo, senão uma reinvenção do que já Platão explicava alegoricamente, no *Livro VII da República* (Sócrates e Glauco, irmão de Platão, dialogam a propósito da justiça, que poderá ser considerado o tema central, sendo Sócrates o narrador). Quem é que não conhece o mito da caverna que ilustra a passagem da escuridão, que outra coisa não é senão a ignorância que nos aprisiona, para a luz, que é a verdade libertadora?

Pois aqui estamos nós, no dia 29 de maio de 2013, num lugar aprazível e agradável, em óptima companhia, numa cidade um tanto longínqua de Atenas, geograficamente falando, mas, como ela, que foi o berço da Filosofia, uma parte dessa Nova Acrópole que tem vindo a ser edificada sobre teorias e práticas do conhecimento, da linguagem, da educação, da ciência, da governação, em suma, do pensamento, numa trajectória de volúpia – a volúpia do saber – que também comporta os seus perigos, como a História bem nos tem demonstrado.

Mas, afinal, em jeito de conclusão, vale a pena ler? Ler muito? Eu acho que sim, mas confesso que há alturas em que não tenho a certeza. É claro que sei perfeitamente que não posso pedir a ninguém que acredite plenamente em mim, ou pense como eu penso. Mas posso pedir-lhes, aqui e agora, que nunca deixem de acreditar no poder da palavra escrita e que a gravem no coração e na memória, se os ajudar a viver melhor.

A terminar, e já que a ela me referi anteriormente, um breve apontamento a respeito de Santa Apolónia. Apolónia, padroeira dos dentistas, sempre representada com um alicate que segura um dente, numa das mãos, e uma palma na outra, nasceu em Alexandria, no norte do Egipto, no s. III. Figura destacada do Cristianismo na cidade, recusou-se a pronunciar blasfémias contra a sua religião, pelo que foi vítima de tortura por parte da multidão que se havia revoltado contra os cristãos.

Como relata Dionísio, Bispo de Alexandria, em carta a Fábio, Bispo de Antioquia, a Apolónia foram violentamente arrancados todos os dentes, antes de se ter lançada na fogueira, seu evitável destino se não tivesse optado pela condição de mártir. Daí a palma que, como ela, seguram habitualmente os mártires do Cristianismo, quando são representados. Venerada em toda a Europa, dela existem múltiplas relíquias como, por exemplo, na Sé Catedral desta nossa cidade, o que, talvez para alguns, seja surpreendente.

Há um belíssimo poema, que retirei da minha arca de tesouros, para ler agora. Foi Rainer Maria Rilke quem o escreveu, em 1904. Faz parte do *Livro das Imagens* e chama-se *O Homem que Lê*:

*Eu lia há muito. Desde que esta tarde
com o seu ruído de chuva chegou às janelas.
Abstrai-me do vento lá fora:
o meu livro era difícil.
Olhei as suas páginas como rostos
que se ensombram pela profunda reflexão
e em redor da minha leitura parava o tempo. —
De repente sobre as páginas lançou-se uma luz
e em vez da tímida confusão de palavras
estava: tarde, tarde... em todas elas.
Não olho ainda para fora, mas rasgam-se já
as longas linhas, e as palavras rolam
dos seus fios, para onde elas querem.
Então sei: sobre os jardins
transbordantes, radiantes, abriram-se os céus;
o sol deve ter surgido de novo. —
E agora cai a noite de Verão, até onde a vista alcança:
o que está disperso ordena-se em poucos grupos,
obscuramente, pelos longos caminhos vão pessoas
e estranhamente longe, como se significasse algo mais,
ouve-se o pouco que ainda acontece.*

*E quando agora levantar os olhos deste livro,
nada será estranho, tudo grande.*

*Aí fora existe o que vivo dentro de mim
e aqui e mais além nada tem fronteiras;
apenas me entreteço mais ainda com ele
quando o meu olhar se adapta às coisas
e à grave simplicidade das multidões, —
então a terra cresce acima de si mesma.
E parece que abarca todo o céu:
a primeira estrela é como a última casa.*

Tradução de Maria João Costa Pereira

Porto e FMDUP, Maio de 2013

Isabel Pereira Leite